



Recebido em 31/01/2018

Aceito em 18/07/2018

TRADUZIR (OU NÃO) JOÃO PAULO BORGES COELHO
TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DA TRADUÇÃO DA OBRA FICCIONAL FORA DO
ESPAÇO DE LÍNGUA PORTUGUESA

TRANSLATING JOÃO PAULO BORGES COELHO (OR NOT)

TRANSLATION AND RECEPTION OF HIS FICTIONAL WORK OUTSIDE
THE PORTUGUESE-LANGUAGE SPHERE

TRADUCIR (O NO) JOÃO PAULO BORGES COELHO

TRADUCCIÓN Y RECEPCIÓN DE LA TRADUCCIÓN DE SU OBRA DE
FICCIÓN FUERA DEL DOMINIO DE LA LENGUA PORTUGUESA

Marco Bucaioni¹

RESUMO:

Este artigo propõe-se fazer o ponto de situação sobre as traduções publicadas da obra ficcional de João Paulo Borges Coelho (que, de momento, são três, todas para o italiano), situando a obra ficcional de tal autor nos estudos críticos de recepção sobre autores africanos de língua portuguesa, dentro e fora do espaço de língua portuguesa. Analisa-se brevemente o panorama desses estudos, efetuando um apelo para que certas instâncias dos Estudos de Tradução sejam incluídas na análise crítica da recepção e circulação literária, abrangendo também as traduções para outras línguas, os seus paratextos e contextos e a sua recepção nos respetivos sistemas literários. Analisa-se depois mais de perto o caso das três traduções para italiano, focando a agenda dos tradutores e dos editores, os textos, os paratextos e o contexto, tentando instituir um modelo de trabalho para eventuais futuros estudos deste género.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Tradução, Recepção, Reescrita, Literatura Moçambicana, Literaturas Africanas em Português.

¹ CLEPUL/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. E-mail: bucaioni@campus.ul.pt



ABSTRACT:

This article aim to define the state of the art of João Paulo Borges Coelho's literary translations published to date (which, at this moment, are just three, and the three of them in Italian language), positioning JPBC's fictional work in the field of literary reception critical studies of African Literature inside and outside the Portuguese-Speaking world. It proceeds with a brief analysis of this field of study, making an attempt to put together some instances coming from the Translation Studies field into the general analysis of literary reception and circulation, so that this will encompass also literary translations to other languages, their paratexts and contexts and their reception in the target literary systems. It proceeds then with a brief analysis of JPBC's literary translations published to date, trying to consider the translators and publisher's agenda, the texts, their paratexts and their context, trying to identify a possible working model for future research works of this type.

KEYWORDS: *Translation Studies, Reception, Rewriting, Mozambican literature, African Literatures in Portuguese.*

RESUMEN:

El presente artículo se propone hacer un balance de las traducciones publicadas de la obra literaria de João Paulo Borges Coelho (que de momento son tres, todas para el italiano), posicionando su obra de ficción en el campo de los estudios críticos de recepción de autores africanos de lengua portuguesa, dentro y fuera del espacio de lengua portuguesa. Se analiza brevemente el panorama de esos estudios haciendo un reclamo para que algunas instancias de los Estudios de Traducción sean incluidas en el análisis crítico de la recepción y circulación literaria, considerando también las traducciones para otras lenguas, sus paratextos y contextos y su recepción en los respectivos sistemas literarios. Se analiza después más de cerca el caso de las tres traducciones para el italiano de João Paulo Borges Coelho, analizando la agenda de los traductores y de los editores, los textos, los paratextos y el contexto, intentando instituir un modelo de trabajo que sea útil para otros eventuales estudios de este género.

PALABRAS CLAVE: *Estudios de traducción, Recepción, Reescrita, Literatura Mozambiqueña, Literaturas africanas en portugués.*

1. A obra literária de João Paulo Borges Coelho

A obra literária de João Paulo Borges Coelho (a partir de agora, JPBC), que se inicia em 2003 com o romance *As Duas Sombras do Rio* (BORGES COELHO, 2003) e até à data é com-



posta por mais sete romances publicados entre 2003 e 2017², três novelas³ e um livro de contos dividido em dois volumes de publicação separada⁴, foi-se impondo primeiro como uma das principais novidades literárias do panorama moçambicano, chegando hoje em dia a uma consagração crítica que coloca JPBC como uma das mais robustas vozes literárias moçambicanas.

Nomeadamente, o circuito académico que se dedica ao estudo das literaturas da África que escreve em português, em Moçambique, em Portugal e no Brasil, pareceu “apropriar-se” do autor e da sua obra a nível crítico, com uma produção já relativamente sólida e abundante de intervenções acerca de uma ou de mais obras literárias de JPBC. Entre outros sinais, o congresso que houve em Lisboa na Faculdade de Letras, em 13 e 14 de Julho de 2017 (*Cartógrafo de Memórias: a Poética de João Paulo Borges Coelho*), inteiramente dedicado a este autor e à sua obra, junta e contemporaneamente à publicação de um volume colectâneo de estudos sobre este autor – *Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, Diálogos e Futuros*, organizado por Sheila Khan, Sandra Sousa, Leonor Simas-Almeida, Isabel A. Ferreira Gould, Nazir Ahmed Can (KHAN et al, 2017), confirmam o interesse especial que a academia está a dedicar a JPBC e à sua obra.

Além da posição de destaque que a obra ficcional de JPBC ocupa dentro das letras moçambicanas contemporâneas e da qualidade excepcional da sua prosa, que merece com certeza celebração e análises críticas aprofundadas, talvez um incentivo para a academia se ocupar deste autor seja o facto de ele ser também historiador e a sua obra ficcional se cruzar com a sua investigação científica, trazendo à tona temas, conceitos e instâncias – como o da memória colectiva, o da identidade neo-nacional das nações pós-coloniais, por exemplo – que muito bem encaixam na análise teórica de várias escolas de pensamento científico-crítico, nomeadamente várias evoluções do que podemos chamar de “teoria pós-colonial”.

JPBC, portanto, além de ser um grande autor, é um autor “útil”, que bem se presta a análises histórico-críticas sobre núcleos temáticos pertinentes à mais acreditada e recente crítica internacional.

2. Estudos de recepção da obra ficcional de JPBC: o “Ponto de Situação” de Nazir Can

Significativamente, o livro colectâneo de estudos acima referido abre-se com uma preciosa e exaustiva resenha – efetuada por Nazir Can – de todas as intervenções críticas de carácter

2 *As Visitas do Dr. Valdez* (BORGES COELHO, 2004); *Crónica de Rua 513.2* (BORGES COELHO, 2006a); *Campo de Trânsito* (BORGES COELHO, 2007a); *O Olho de Hertzog* (BORGES COELHO, 2010); *Rainhas da Noite* (BORGES COELHO, 2013); *Ponta Gêa* (BORGES COELHO, 2017).

3 *Hyniamba* (BORGES COELHO, 2007b); *Cidade dos Espelhos* (BORGES COELHO, 2011a); *Água. Uma Novela Rural* (BORGES COELHO, 2016).

4 *Índicos Índicios. Setentrião* (BORGES COELHO, 2005); *Índicos Índicios. Meridião* (BORGES COELHO, 2006b).



científico publicadas acerca de JPBC ou de algumas partes da sua obra no espaço de língua portuguesa e fora dele, debaixo do título *Crónicas de outras visitas: a recepção crítica da obra literária de João Paulo Borges Coelho* (KHAN et al., 2017, p. 13-52).

Nazir Can lista mais de 100 documentos, de variada natureza, entre os quais teses, artigos científicos e intervenções críticas, publicados e produzidos em Portugal, no Brasil – ele próprio indica que “muitas delas vêm do Brasil” (Idem, p. 43) – e em outros países e universidades (p. ex. França, Itália, República Checa). O trabalho de Can pretende listar, portanto, tudo o que foi feito sobre a obra literária de JPBC em sede crítica e científica. Todavia, ele não inclui nesta sua resenha as três traduções que saíram de romances de JPBC até à data – as três para a mesma língua: o italiano – nem a produção crítico-receptiva que elas originaram.

Este posicionamento não é raro e, pelo contrário, continua a constituir o mais usado em vários circuitos académicos e corresponde a uma visão da recepção literária e da circulação da literatura que não considera o facto da tradução.

Este artigo deseja retomar a ponta do fio deixada descoberta por Nazir Can não só por razões de exaustividade, mas também por razões metodológicas e teóricas que dizem respeito ao conceito de recepção (crítica ou não) e de circulação da literatura – ou ao próprio funcionamento da literatura-mundo, ou sistema mundial das letras (CASANOVA, 2005), ou mega-polissistema (EVEN-ZOHAR, 1990) – e mais especificamente das literaturas africanas em geral e das africanas escritas em língua portuguesa em particular.

3. A tradução enquanto ato de exportação/recepção de uma obra e a necessidade da sua análise nos estudos de recepção

Entendemos que a inclusão das traduções da obra de um autor publicadas em outros países, através de uma análise dos paratextos que tais traduções englobam, e do acervo de textos de recepção que essas traduções originaram (recensões, estudos críticos) pode constituir um enriquecimento importante do panorama da recepção de tal obra.

Como vimos, até à data continua a haver uma certa tendência para ignorar este campo de pesquisa por parte dos comentadores/estudiosos que se ocupam da recepção (eminentemente científica) de certos autores e de certas obras, chegando a ser quase virgem o campo de investigação assim definido e enquadrado pelo que diz respeito à obra de autores africanos que escrevem em português.⁵

5 Apareceram, nos últimos anos, estudos importantes sobre a recepção “interna” (isto é, dentro do espaço de língua portuguesa) e quase sempre científica de certas e determinadas obras e autores. Exemplos disso são o volume dedicado a *Luuanda* de Luandino Vieira (TOPA, 2014), a *Nós Matámos o Cão Tinhoso* de Luís Bernardino Honwana (TAVARES et al., 2016) e certas intervenções críticas sobre recepção e circulação de certos autores ou das literaturas africanas escritas em português especialmente no Brasil (cf. entre outros PRADO, 2004 e CAVALCANTE



Na nossa opinião, o enquadramento mais útil seria o iniciado por Even-Zohar na sua Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 1990), que nos permite, por um lado, enquadrar o conjunto das traduções para uma língua como parte do polissistema literário de tal língua (alvo); enquanto do ponto de vista sociológico/cultural apontamos para as teorias e práticas de Lefevere (LEFEVERE, 1992) na abordagem que ele faz do fenómeno da tradução literária como reescrita, com um olhar que abrange não só o texto e as suas características linguísticas, e sim o conjunto de condições de acolhimento e “manipulação” das traduções, incluindo o que ele chama de “Patronage System”, conjunto esse das instâncias e posições que influenciam, decidem e desviam a reescrita, e portanto a recepção ou a sua falta, de uma obra ou de um autor num sistema literário estrangeiro, incluindo a academia, o sistema editorial, o sistema didático a nível secundário e superior e o conjunto do assim chamado “mercado editorial”.

Lawrence Venuti, quer em *The Translator's Invisibility* (VENUTI, 1995), quer em *The Scandals of Translation* (VENUTI, 1998) aponta para uma teoria e prática geral da tradução em que também as várias constituintes do sistema literário de chegada são tidas em conta muito além da tradicional crítica à tradução e à recepção científica. O conjunto desses estudos informa-nos sobre uma maneira diferente da tradicional de olhar para o acto da tradução de forma global, e ajuda-nos a posicionar este acto no sistema literário a que pertence.

Quer Lefevere quer Venuti apontam para alguma resistência por parte de certas camadas da academia e dos estudos literários a incluir as obras de literatura traduzida dentro do próprio *corpus* e campo de estudos, em conformidade com a “invisibilidade do tradutor” e daquela cosmética que segundo algumas tradições fariam com que as traduções tentem disfarçar-se de originais para não serem “lidas” ou “recebidas” como obras de segundo grau, e sim como se o leitor da língua alvo (e o crítico) se achasse em frente ao original noutra língua. Esta mímica vai ao ponto de, ainda hoje, não ser aceite por muitos o facto de o *corpus* das traduções para uma dada língua pertencer ao *corpus* da literatura escrita em tal língua.

Tal como, a par do que diz a escola de Even-Zohar, as traduções podem ser consideradas como parte do sistema de chegada (sendo textos literários escritos tendencialmente na *koiné* linguística de tal sistema, e que a tal sistema apela, a nível de constituição de significados culturais, para por tal sistema serem lidas), na nossa opinião um estudo da recepção de uma obra ou de um autor não pode prescindir de uma análise da ausência/presença de traduções para outros polissistemas literários e da recepção dessas traduções. O que este artigo pretende fazer, portanto, é expandir o trabalho até agora feito e publicado sobre a recepção da obra de JPBC nesta direção, tentando a operação crítico-teórica acima referida aplicada ao caso das traduções de JPBC, enriquecendo assim a lista de Can na direção de incluir quer as traduções publicadas de obras ficcionais de JPBC (com uma análise crítica da sua posição dentro do sistema literário

PADILHA, 2010).



de chegada) quer as intervenções críticas e de divulgação que tais traduções criaram.

4. As traduções de JPBC: recolha e apresentação de dados

4.1. As traduções publicadas de JPBC

Até à data, só constam três traduções publicadas de obras de JPBC, as três para italiano e todas pela mesma chancela, mas por três tradutores diferentes: *Cronaca di Rua 513.2*, [tradução de *Crónica de Rua 513.2* (BORGES COELHO, 2006a), por Elina Ilaria Nocera] (BORGES COELHO, 2011b); *Campo di transito*, [tradução de *Campo de Trânsito* (BORGES COELHO, 2007a), por Andrea Ragusa] (BORGES COELHO, 2012) e *Indizi Indiani*, [tradução, em único volume, de *Índicos Índicios, Setentrião* (BORGES COELHO, 2005) e *Meridião* (BORGES COELHO, 2006b), por Alfredo Sorrini] (BORGES COELHO, 2017a).

4.2. Colocação editorial, agenda editorial e agenda de tradução

As três traduções italianas de JPBC foram publicadas por uma pequena chancela especializada, as Edizioni dell'Urogallo de Perugia, que tem um catálogo dedicado exclusivamente à tradução de obras escritas originariamente em português, quer em Portugal, quer no Brasil quer na África que escreve em português. Nomeadamente, as três traduções em apreço encontraram espaço numa coleção, Urogallo. *Frontiere perdute*, dedicada às obras escritas em português fora de Portugal e do Brasil. Com 18 títulos publicados em fins de 2017, a coleção contém obras dos seguintes autores: Luís Cardoso (Timor Leste); Mia Couto, Paulina Chiziane e JPBC (Moçambique); José Eduardo Agualusa, João Melo e Ana Paula Tavares (Angola); Arménio Vieira (Cabo Verde).

Não surpreende, portanto, a escolha de tal chancela de publicar obras de JPBC, sendo, como é, virada para a literatura escrita em português, com um espaço dedicado à África.

Mesmo assim, é de sublinhar como outras editoras europeias, que têm demonstrado e demonstram interesse pelas literaturas escritas em português e apostam forte nesse(s) espaço(s) literário(s), até agora ignoraram totalmente a proposta literária de JPBC. Mesmo em sistemas literários onde não faltaram propostas editoriais sólidas que contivessem obras traduzidas do português - basta olhar para o catálogo de editoras como Chandeigne e Metailié, ou Actes Sud, no sistema francês, ou Serpent's Tail, Arcadia Books, Aflame ou Biblioasis, no espaço de língua inglesa, Unionsverlag, Brandes & Apsel e A1 Verlag no sistema de língua alemã - isto não aconteceu.



Por um lado, não é uma surpresa que um autor moçambicano não tenha sido traduzido para inglês, francês, espanhol ou alemão, sendo o contrário a normalidade estatística. A esta “normalidade” fogem – só e parcialmente – Mia Couto e Paulina Chiziane. Fazendo um rápido reconhecimento das traduções publicadas até à data nos espaços linguísticos europeus, vemos, de facto, como são pouquíssimos os autores africanos de língua portuguesa consistente e continuamente publicados na Europa e na América do Norte ao longo dos anos: uma lista que é encabeçada por Mia Couto (55 traduções), José Eduardo Agualusa (37 traduções), Pepetela (28 traduções), Luandino Vieira (16 traduções), Ondjaki (14 traduções) e Paulina Chiziane (12 traduções) – tendo limitado a nossa pesquisa aos sistemas de língua inglesa, francesa, espanhola, italiana e alemã.⁶

As traduções publicadas de obras de autores moçambicanos nos mesmos sistemas literários resultaram ser 96, das quais, como vimos, 55 são de autoria de Mia Couto, o que quer dizer que este autor, sozinho, dá conta de mais de metade das traduções de autores moçambicanos publicadas nos cinco espaços linguísticos considerados. Paulina Chiziane é a segunda nesta classificação, com 12 traduções publicadas nos sistemas literários inquiridos. Estes dois autores, em conjunto, totalizam 67 publicações, dividindo-se as 19 restantes entre os restantes autores, sendo que 7 delas são de autoria de Luís Bernardo Honwana.

Voltando ao caso de JPBC, por outro lado, é evidente o investimento que o sistema editorial português, através da chancela que o publica – a Caminho – e do grupo que é proprietário de tal chancela – o Grupo Leya –, levou a cabo neste autor, com a atribuição em 2009 do Prémio Leya. Tal prémio, de elevado valor monetário e concedido pelo próprio Grupo Leya, na opinião de José Riço Direitinho foi pensado à raiz para internacionalizar as letras dos vários países de língua portuguesa:

Pensado inicialmente como uma forma de internacionalizar a literatura escrita em português, com óbvia intenção comercial, o prémio veria o seu vencedor anunciado nos stands do grupo Leya durante a Feira do Livro de Frankfurt, aproveitando a presença de inúmeros editores estrangeiros e de agentes literários. Mas tal aconteceu apenas na sua primeira edição. Nos anos seguintes, tornou-se sobretudo num prémio doméstico, que tem distinguido livros de qualidade literária mediana (há duas excepções, já lá vamos) supostamente para serem lidos pelo grande público que compra livros nos hipermercados e nas cadeias de livrarias. (RIÇO DIREITINHO, 2014)

Riço Direitinho inclui *O Olho de Hertzog*, de JPBC, nas suas duas excepções à “qualidade literária mediana”, que terá distinguido na sua opinião os obras premiadas, e mais à frente avança uma opinião sobre o estatuto de JPBC, que ele considera um dos “mais ou menos consagrados”:

6 Estes dados foram retirados pelo autor deste artigo consultando as bases de dados online dos vários serviços bibliotecários nacionais do Reino Unido, Espanha, França, Alemanha e Itália.



Apesar do elevado valor monetário do Prémio Leya, ele parece não ser apelativo para os escritores lusófonos mais ou menos consagrados ou com obra publicada e reconhecida (aconteceu apenas com o moçambicano João Paulo Borges Coelho, vencedor em 2009 com *O Olho de Hertzog*). (idem)

Pelos vistos, ao menos no caso de JPBC, a atribuição do Prémio Leya não conseguiu “seduzir” as editoras estrangeiras para comprar os direitos dos seus romances. É de notar que José Riço Direitinho diz que esta intenção fracassou também nos outros casos, tornando-se um prémio doméstico que veio premiar livros “para serem lidos pelo grande público que compra livros nos hipermercados e nas cadeias de livrarias”.

De qualquer forma, não é só o Prémio Leya a não atingir o estatuto de influenciador das tendências dos editores estrangeiros no que diz respeito à tradução de autores de língua portuguesa: o Prémio Camões, que é mais antigo e mais prestigiado do que o Prémio Leya, sendo um prémio público e internacional, não ligado à lógica e à logística de qualquer grupo editorial, também não parece ter tal estatuto. O Camões não surge como um prémio muito respeitado entre as editoras estrangeiras, pois tê-lo recebido não é garantia de ser traduzido e conhecido no estrangeiro, como também a sua falta não impediu isso em alguns casos (entre os africanos, os de Luandino Vieira e Arménio Vieira exemplificam a primeira postulação: ambos os autores receberam o prémio Camões e, se o primeiro tem algumas traduções esporádicas e parciais da sua obra, o segundo não tem nenhuma tradução publicada, a não ser – outra vez Itália! – a tradução do seu romance *No Inferno*; enquanto os casos de José Eduardo Agualusa e, em menor medida, Paulina Chiziane, ilustram bem a segunda ocorrência, como vimos pelos dados acima referidos). De qualquer forma, cabe aqui dizer que nenhum prémio literário outorgado no espaço de língua portuguesa, incluindo o brasileiro Prémio Jabuti, tem estatuto para influenciar a tradução e edição no estrangeiro de obras de autores que escrevem em português. Além, como é óbvio, do Prémio Nobel, parece que prémios atribuídos no espaço de língua inglesa têm muita mais eficácia para o efeito (de novo, é o caso de José Eduardo Agualusa, cujo romance *O Vendedor de Passados* foi traduzido para 12 línguas e publicado no mesmo número de países da Europa depois de ter recebido o Independent Foreign Fiction Award em 2007). O que é surpreendente, isso sim, é que o Prémio Leya, ao contrário do Prémio Camões (que pretende atribuir “só” prestígio ao conjunto da obra de um autor), queira qualificar-se desde o começo e na sua natureza como um prémio para atrair traduções, tendo chegado a organização a pensar a cerimónia de anúncio do prémio a acontecer cada ano diretamente na Feira do Livro de Frankfurt, isto é, no principal espaço e momento de compra e venda de direitos de tradução da Europa.

Mesmo que admitamos que José Riço Direitinho tenha razão quando diz que o Prémio Leya se tornou num prémio doméstico destinado a influenciar o “grande público leitor” que compra os livros de grande tiragem e distribuição nos supermercados e outros canais parecidos, verdade seja dita: a obra ficcional de JPBC parece interessar mais à academia e à crítica literá-



ria do que ao grande público. Basta para isso considerar os dados que se verificam a partir das edições portuguesas de JPBC. De uma breve análise, e graças ao hábito da Editorial Caminho de declarar a tiragem no colofon das suas publicações, somos informados que a tiragem maior declarada de um título de ficção de JPBC foi de 3000 (*Hinyambaan*), sendo que para todos os restantes títulos declaram ter sido impresso 2000 exemplares, com excepção de *Rainhas da Noite*, que desce aos 1500 exemplares. Não há, curiosamente, este dado para o caso de *O Olho de Hertzog*, talvez por não pertencer a publicação à chancela Caminho e sim ao Grupo Leya. Há duas reimpressões do primeiro romance (*As Duas Sombras do Rio*), e uma reimpressão de *O Olho de Hertzog*. Mesmo tendo em conta que outros exemplares dos livros de JPBC circulam sob a chancela moçambicana ligada ao Grupo Leya (Ndjira), e que, portanto, as edições portuguesas não exaurem a procura global desses títulos, e mesmo considerando que as tiragens no mercado editorial português nunca são altíssimas⁷, parece que de facto não há um público substancial em Portugal a ler obras de JPBC. Acrescente-se – para completar o quadro – que os livros de JPBC não foram ainda publicados no Brasil (CAN, 2017, p. 43).

Os grandes prémios e os grandes eventos literários, junto com a ação das agências literárias que tentam vender os direitos de tradução dos próprios autores, que conjuntamente podemos chamar de “circuito comercial” ou “editorial” não são a única maneira de um autor ser traduzido e comunicado fora do próprio país e do espaço linguístico-cultural da língua em que escreve. O conjunto de cátedras e de docentes/investigadores de literatura podem desempenhar um papel fundamental na proposta, na tradução e na difusão/recepção de uma obra ou de um autor noutro país. Chamaremos a isto de “circuito académico”, mesmo quando os seus agentes operam fora do estrito âmbito da academia.

Como sublinham André Lefevere (LEFEVERE, 1992) e Lawrence Venuti (VENUTI, 1995) o que chamamos de circuito académico pode desempenhar um papel alternadamente (e até simultaneamente) “conservador” ou “progressista” na difusão e aceitação de instâncias estrangeiras em tradução num sistema literário. Isto é, a ação dos académicos pode ser a da continuação da celebração de um cânone já estabelecido para uma dada literatura ou, pelo contrário, os professores/tradutores (muitas vezes as duas coisas coincidem, especialmente no caso de sistemas literários pequenos e periféricos ou, mais frequentemente, de disciplinas e interesses marginais em comparação com um “centro do cânone” dos estudos literários num dado sistema literário) podem ser cruciais na sua tarefa de renovação de tal cânone.

Há na Europa segmentos editoriais nacionais em que o peso da academia é escasso e, pelo contrário, segmentos em que esse peso é altíssimo. O mundo da tradução para italiano de obras escritas originariamente em português (e não só de obras africanas ou pós-coloniais) é sem dú-

7 As 4 reimpressões do livro *A Gorda* de Isabela Figueiredo (FIGUEIREDO, 2016), apontado como best-seller, somaram 9000 exemplares de tiragem – dado obtido em entrevista com Zeferino Coelho da Editorial Caminho, em Novembro de 2017.



vida um exemplo da segunda ocorrência: a esmagadora maioria, se não a quase totalidade dos tradutores ativos na tradução de literatura do português para italiano pode-se definir também como “académico” (na medida em que teve/tem algum encargo oficial numa das universidades italianas). A influência da academia e dos académicos (e até o empenho deles) no sistema editorial não se limita à figura do tradutor: a natureza da relação que Giorgio De Marchis, professor e tradutor literário manteve por alguns anos com a redação da chancela romana *La Nuova Frontiera* vai além da mera relação tradutor/académico-editora: este académico desempenhou um papel mais próximo ao papel clássico do editor do que do colaborador externo com tarefas de tradutor, na escolha dos títulos e na composição da coleção de títulos que foram publicados por tal chancela.

Além disso, mais três chancelas entre as pequenas e independentes ativas no sistema italiano (entre as quais a que acolheu as traduções de JPBC) foram fundadas e são geridas e lideradas por outras tantas figuras de editores/tradutores/estudiosos que se formaram nas fileiras das universidades italianas, alguns com grau de doutor e dentro da academia foram ativos por anos no ensino (Marco Bucaioni de Edizioni dell’Urogallo, nas Universidades de Perugia e Viterbo; Riccardo Greco de Vittoria Iguazú Editora, que ensinou por anos em Siena; Andrea Galletti de Tuga Edizioni, que obteve o grau de mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de Viterbo). Vê-se, portanto, como a parte mais dinâmica da academia italiana que se ocupa de letras em português sentiu a exigência de sair da “torre de marfim” da crítica científica, indo ocupar lugares profundamente comprometidos com competências ligadas ao mundo do livro, ultrapassando a função de tradutores, que é apanágio também de outros contextos literários e académicos noutros países (os grandes tradutores do japonês nos EUA também são geralmente académicos, cfr. VENUTI, 1995).

Esta estrutura peculiar do sistema literário/editorial italiano pode ajudar a explicar por que não é tão surpreendente afinal que um autor africano de língua portuguesa seja traduzido primeiro (ou só) para italiano antes de passar para outros sistemas literários europeus. Também a preferência da academia e da crítica de língua portuguesa para a análise da obra ficcional de JPBC faz com que o autor seja mais evidente e visível pelos colegas internacionais, que é muito provável que estejam mais atentos à produção crítica do que propriamente aos prêmios literários.

4.3. Análise dos “factos” das traduções

O primeiro dado a comentar é o facto de as três traduções terem sido feitas por três tradutores diferentes. Há casos em que um autor encontra um espaço num dado sistema literário estrangeiro por meio do seu tradutor, com uma relação que se configura de confiança e de longa duração entre autor e tradutor. Também nalguns casos o tradutor de um dado autor toma



para si parte do trabalho de difusão e disseminação da obra do autor. Não é este o caso. As três traduções, porém, foram publicadas pela mesma chancela: a fragmentação que encontramos no plano dos tradutores não se repete no caso da editora, que, esta sim, toma nas suas costas a responsabilidade cultural da difusão e promoção da obra deste autor.

Das três traduções, duas (a tradução da *Crónica de Rua 513.2* por Elina Ilaria Nocera e a de *Índicos Índicios* por Alfredo Sorrini) foram feitas por tradutores que nunca tinham publicado antes, portanto por tradutores estreantes sem grande experiência, e que depois disso não voltaram a publicar como tradutores literários. Ambos os tradutores, porém, detinham, no momento da publicação da obra traduzida, um grau de Doutoramento amadurecido dentro de cátedras de língua e literatura portuguesa (e de língua portuguesa), respectivamente: Elina Ilaria Nocera pela Universidade de Perugia (Doutoramento em Literaturas Comparadas), e Alfredo Sorrini pela Universidade de Bolonha (Doutoramento em Estudos Ibéricos). Mais um indício de interpenetração de academia e tradução literária do português em Itália. Estes dois tradutores parecem ter outras carreiras e não voltaram à data à tradução literária. O caso de Andrea Ragusa, tradutor de *Campo de Trânsito*, é diferente. Sendo ele também doutorando à data da publicação da tradução aqui em apreço (doutoramento pela Universidade Nova de Lisboa em Estudos Portugueses), foi compondo a par da sua carreira de investigação em Portugal uma carreira de tradução literária notável.⁸

Dos três tradutores, urge assinalar que Alfredo Sorrini tinha defendido uma tese de doutoramento na Universidade de Bolonha sobre JPBC, ainda que a tradução não fizesse parte da tese, como muitas vezes acontece em Itália, especialmente em graus mais baixos.

As primeiras duas traduções são acompanhadas por um prefácio, a terceira tem um prefácio e um posfácio; a primeira e a segunda têm um glossário. A primeira e a terceira têm uma bibliografia com traduções italianas. Isto alinha com a coleção e com o espírito da editora, que parece querer tomar para si de forma consciente o trabalho de “tradução total” ou de “reescrita” além da mera tradução do texto ficcional em si, apresentando obras da literatura portuguesa, brasileira e, no caso, africana ao público italiano como se fosse a primeira vez que se leem certas coisas, o que é verdade, e o que se desprende também do estilo dos paratextos e da extensão dos glossários. Portanto, são traduções (publicações) que não aspiram àquela “mímese da tradução” que faria com que se fingissem originais (VENUTI, 1995) e sim, desde logo, vêm marcadas, a partir de escolhas de catalogação e colocação editorial, como traduções cientes do facto de o serem, que estão a traduzir uma realidade cultural e literária ainda supostamente não

8 Primeiro com as Edizioni dell’Urogallo, pelas quais assinou traduções tão diferentes como a em apreço, um livro de crónicas de José Eduardo Agualusa (*No Lugar do Morto*), *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, de Antero de Quental, *O Culto do Chá*, de Wenceslau de Moraes e *Nome de Guerra*, de José de Almada Negreiros, não ignorando o Brasil com *Ribamar*, de José Castello, além de ter publicado outras traduções com outra chancelas em Itália e em Portugal (por exemplo: *La tartaruga*, de José de Almada Negreiros (Livorno: Vittoria Iguazú, 2015), ou *Poeti di Lisbona* (Lisboa: Lisbon Poets & co., 2016).



conhecida do público a que se oferecem.

4.4. Paratextos, crítica das traduções, recepção das traduções

4.4.1. Paratextos (crítica e comentários “internos”)

Os três volumes que saíram em tradução italiana de JPBC não se limitam à tradução do texto, sendo esta acompanhada por uma série de intervenções por parte do editor, do tradutor ou de um outro académico. Segue abaixo a lista das ocorrências (por ordem cronológica):

1. BUCAIONI, Marco. **Introduzione**, (BORGES COELHO, 2011, 5-11)
2. _____. **Bibliografia delle opere di João Paulo Borges Coelho**, (Idem, 12)
3. _____. **Glossario**, (Idem, 371-379)
4. _____. **Bibliografia delle opere di João Paulo Borges Coelho**, (BORGES COELHO, 2012. 10)
5. _____. **Opere di João Paulo Borges Coelho**, (BORGES COELHO, 2017, 370). [sem indicação de autoria]
6. RAGUSA, Andrea. **Introduzione. Nella radura della collettività**, (BORGES COELHO, 2012, 5-9).
7. VECCHI, Roberto e RUSSO, Vincenzo. **Indizi di un altro oceano: Il Mozambico indiano di João Paulo Borges Coelho**, (BORGES COELHO, 2017. 5-13).
8. SORRINI, Alfredo, *Postfazione*, (BORGES COELHO, 2017, 365-369).

Como se pode ver, os três volumes contêm um ou mais textos de introdução e comentário ao texto da tradução. O último contém dois textos de tal carácter: um (o posfácio) de autoria do tradutor e o outro (ao começo do livro) assinado por Vincenzo Russo e Roberto Vecchi, dois académicos.

As traduções da *Crónica da Rua 513.2* e a de *Índicos Índicios* contêm um glossário, ao passo que a tradução de *Campo de Trânsito* não engloba glossário algum, visto não ter sido necessário na opinião de tradutor e editor num romance que inclui com certeza um número de palavras africanas e de culturemas muito menor do que os outros dois.



4.4.2. Recensões e reações (crítica “externa”)

Além destes pequenos paratextos que acompanham a publicação das traduções, alguns estão disponíveis só para quem já tem à disposição (ou já leu) a tradução em si, alguns outros pequenos textos foram surgindo depois dessas traduções, de carácter quase sempre recensivo:

1. MILANI, Ada. João Paulo Borges Coelho (trad. di Ilaria Nocera), Perugia, Edizioni dell’Urogallo, 2011, 379 pp. In **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, nº 2, pp. 307-309.-issn: 2240-5437. Milano: 2012.
2. SCRIVANO, Fabrizio. **Diario e narrazione**. Macerata: Quodlibet, 2014.
3. TORTORA, Maria. **Recensione di Cronaca di Rua 513.2**. 30 maggio 2012, Lankelot
4. BABUSCI, Amedeo. **Recensione a Cronaca di Rua 513.2**. Perugia: UmbriaLeft, nº 5, 2012.

Os documentos 3. e 4. são duas recensões da tradução da *Crónica 513.2*, de carácter não científico. O documento 1. é uma recensão colocada numa revista científica de uma universidade. O documento 3. é uma referência que se faz ao mesmo livro, em tradução, dentro de uma publicação científica dedicada à forma diário.

A esta lista, para completar o quadro de recepção em Itália, temos que acrescentar mais dois textos que não se concentram nas traduções publicadas, e sim na obra ficcional de JPBC em geral ou noutros títulos que não foram traduzidos. O primeiro texto consta também da resenha de Nazir Can, o segundo é uma recensão em italiano de *As Visitas do Dr. Valdez* colocada numa “montra virtual” de títulos ainda não traduzidos de literaturas de várias línguas, no site Insula Europea, *ad usum* de editoras italianas:

1. VECCHI, Roberto. **Letturature postcoloniali e politiche di restituzione: la narrativa di João Paulo Borges Coelho**. In **Tintas. Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane**, 2 (2012), pp. 9-37. issn: 2240-5437.
2. BARCA, Vincenzo. **Joao Paulo Borges Coelho, As visitas do Dr. Valdez [Le visite del Dr. Valdez]**, Lisboa, Caminho, 2004. in insulaeuropea.eu

5. Análise dos dados obtidos

Os dados recolhidos mostram como o facto, aparentemente surpreendente, de haver traduções só para uma língua até à data, e de esta língua ser a italiana, isto é, um sistema literário



semi-central, afinal pode ser explicado pelo próprio estatuto da obra ficcional de JPBC, muito considerada dentro da academia dos países de língua portuguesa, mas relativamente pouco conhecida pelo grande público. Ao mesmo tempo, a estrutura e a articulação do sistema literário italiano no que diz respeito à sua vertente da tradução de obras literárias do português, onde têm forte presença membros da academia e com aquele tipo de abordagem, pode explicar esta aparente anomalia.

Acresce assinalar mais uma vez a falta de outras traduções publicadas para outras línguas até à data: é curioso ver como um autor tão badalado pela crítica e premiado pelo sistema editorial de partida (o de língua portuguesa) não tenha conseguido quebrar o muro de indiferença em países tradicionalmente atentos às temáticas pós-coloniais e com sistemas editoriais relativamente virados para a tradução, como o de língua francesa e o de língua alemã. Vozes críticas colocam a obra ficcional de JPBC entre a história e a literatura⁹; além disso, a partir do(s) estilo(s) literário(s) usados, passando pelo género das obras, JPBC está bastante longe de poder ser considerado um autor “étnico” ou “folclórico”. Perguntamo-nos, também, se neste caso como noutros pode ter tido algum peso o facto de o autor não aparentar manifestamente uma africanidade explícita (apesar de a sua obra ser toda, de alguma forma, sobre e em Moçambique), como acontece em outros casos, em que inteiras tradições literárias que não conseguem ser traduzidas para os mercados europeus e norte-americano por não serem suficientemente “folclóricas” (SAPIRO, 2014).

Apesar do que foi dito acima sobre o estatuto da obra ficcional de JPBC no mundo de língua portuguesa e fora dele, e especialmente de como a sua recepção através da tradução para italiano tenha sido mediada exclusivamente pelo circuito académico ou para-académico e, apesar de a última tradução ainda ser muito recente, não deixa de surpreender a escassez das intervenções de crítica “externa” que foram levadas a cabo a partir das traduções publicadas. Nisso, com certeza há de pesar a estratégia de comunicação da editora que publicou os livros, que não conseguiu com a sua estrutura comunicá-los devidamente, o que não é de espantar, considerando a sua posição de pequena chancela independente. Mesmo assim, o quadro que temos é de quase inexistência de recepção crítica das traduções até agora publicadas. A própria academia italiana, que de qualquer forma pode ser considerada responsável de forma indireta pelas traduções, não parece ter-lhes prestado atenção, com a excepção da recensão crítica de Ada Milani e do apoio que lhe é fornecido pela intervenção de Roberto Vecchi, que, não sendo sobre a tradução, resta a única intervenção em língua italiana publicada por um italiano (sendo a outra de Margarida Calafate Ribeiro) sobre a obra ficcional de JPBC.

As constituintes do “patronage system” italiano, no seu conjunto de editora(s), traduto-

⁹ Sem irmos mais longe, no volume monográfico já citado (KHAN et al., 2017), as contribuições neste sentido de Carmen Lucia Tindó Secco e de Leonor Simas-Almeida abordam o conjunto história/ficção na obra de JPBC.



res, professores universitários e críticos literários não parece ter reagido com força à proposta de tradução da obra ficcional de JPBC até à data. Seria necessário alargar o quadro a outros autores, também traduzidos para outros países europeus, para formular um julgamento mais profundo e comparativo sobre este panorama.

Conclusões

Juntando um olhar típico dos Estudos de Tradução e da Sociologia da Literatura à tradicional crítica literária e aplicando este método à internacionalização da obra ficcional de JPBC, partindo do ponto a que chega Nazir Can na sua resenha bibliográfica da recepção crítico-científica dessa obra, foram levantados os dados sobre as três traduções publicadas até à data de JPBC, as três para a mesma língua, e sobre os textos críticos e de divulgação que elas engendraram. Tentamos construir um quadro crítico a partir deste caso sobre a internacionalização parcial e a circulação destas traduções. No fim desta intervenção, mais são as hipóteses de trabalho e as conjecturas do que as certezas, sendo que este campo de estudo teria que ser aprofundado, aplicando o mesmo método a outros autores.

Seria desejável ativar ulteriores pesquisas para explicar/investigar a quase total falta de reação por parte dos *media* e da própria academia italiana às traduções publicadas de JPBC. Neste aspecto, o que pesa, na nossa opinião, é o estatuto das literaturas dos países de língua portuguesa em geral e o das africanas em particular, que sofrem de uma dupla subalternidade cultural em comparação com a produção nacional e com a produção considerada internacionalmente central (e tendencialmente, a de língua inglesa). De facto, e como releva Sapiro (SAPIRO, 2014), a globalização não puxou pelo multiculturalismo e sim pela redução da variedade de instâncias literárias em tradução para fixar-se nas de língua inglesa.

REFERÊNCIAS:

BORGES COELHO, João Paulo. **O Olho de Hertzog**. Alfragide: Grupo Leya, 2010.

BORGES COELHO, João Paulo. **Água. Uma Novela Rural**. Editorial Caminho, Lisboa: Editorial Caminho, 2016.

BORGES COELHO, João Paulo. **As Duas Sombras do Rio**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

BORGES COELHO, João Paulo. **As Visitas do Dr. Valdez**. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

BORGES COELHO, João Paulo. **Campo de Trânsito**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007a.



- BORGES COELHO, João Paulo. **Campo di transito**. Perugia: Edizioni Dell Urogallo, 2012.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Cidade dos Espelhos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2011a.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Cronaca di Rua 513.2**. Perugia: Edizioni Dell Urogallo, 2011b.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Crónica de Rua 513.2**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006a.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Hinyambaan**. Lisboa: Editorial Caminho, 2007b.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Índicos Indícios, 1. Setentrião**. Maputo: Ndjira, 2005.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Índicos Indícios, 2. Meridião**. Maputo: Ndjira, 2006b.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Indiziindiani**. Perugia: Edizioni Dell Urogallo, 2017a.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Ponta Gêa**. Lisboa: Editorial Caminho, 2017b.
- BORGES COELHO, João Paulo. **Rainhas da Noite**, Lisboa: Editorial Caminho, 2013.
- CASANOVA, Pascale. **Literature as a World**, *New Left Review*, 31, pp. 71-90. 2005.
- CAVALCANTE PADILHA, Laura. O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento. *Revista Magistro*, vol. 1 n. 1. 2010. pp. 2-15.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication**, Volume 11, number 1, 1990.
- FIGUEIREDO, Isabela. **A gorda**. Alfragide: Caminho, 2016.
- KHAN, Sheila, SOUSA, Sandra, SIMAS-ALMEIDA; Leonor, FERREIRA GOULD, Isabel A., CAN, Nazir Ahmed (orgs.). **Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, Diálogos e Futuros**. Lisboa: Colibri, 2017.
- LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. London and New York: Routledge, 1992.
- PRADO, María Felisa Rodríguez. Do Estudo e Ensino das Literatura Africanas de Língua Portuguesa. Práticas e problemas. **Estudos Portugueses**, nº 4. Salamanca: Universidad de Sala-



manca, 2004. pp. 141-155.

RIÇO DIREITINHO, José. Do valor literário – ou não – do Prémio Leya. **Público**. 14 de Novembro de 2014. Disponível em <https://www.publico.pt/2014/11/14/culturaipilon/noticia/do-valor-literario-dos-premios-leya-1675867>

SAPIRO, Gisèle. Translation as a Weapon in the Struggle Against Cultural Hegemony in the Era Of Globalization. **Bibliodiversity, Translation and Globalization**. February, 2014. pp. 31-40.

TAVARES, Ana Paula et al. (orgs). **50 anos: Luís Bernardo Hownana, nós matámos o cão tnhoso: jornada comemorativa**. Lisboa: Fundação Gulbenkian/Theya, 2016.

TOPA, Francisco (org.). **Luuanda há 50 Anos. Crítica, prémios, protextos e silenciamento**. Porto: Sombra pela Cintura, 2014.

TORTORA, Maria. **Recensão a Cronacadi Rua 513.2. Lankelot**. Disponível em <https://www.lankenauta.it/?p=8342>

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation. Towards an Ethic of Difference**. London and New York: Routledge, 1998.

VENUTI, Lawrence. **The Translator s Invisibility: A History of Translation**. London and New York: Routledge, 1995.

